

Entrevista

Prof. Dr. José Carlos REIS (UFMG)

por Cristiano Alencar ARRAIS (UFG-CAC)

O professor José Carlos Reis é um dos historiadores mais conhecidos no Brasil. Autor de algumas das melhores obras de teoria e historiografia (*História & Teoria, A Escola dos Annales: a inovação em História, Identidades do Brasil I e II, Tempo, história e evasão* entre outros). Nesta entrevista, este historiador com “vocação filosófica” analisa algumas das principais questões relacionadas à teoria da história no mundo contemporâneo como a noção de “crise de paradigmas”, hermenêutica e narrativa dentro da história.

A relação entre história e filosofia parece acompanhar toda sua carreira. Como foi esse encontro?

Eu sempre tive uma “vocação filosófica”. O que é isso? Não saberia dizer com certeza, mas talvez uma insatisfação com os fatos apenas vistos e descritos. A “reflexão”, o “debate”, a consideração das várias interpretações sobre o que foi visto e descrito era tão ou mais importante do que os próprios fatos. Para mim, aprender com a experiência não é apenas relatá-la, mas “revivê-la”, reinterpretá-la, (re)discuti-la e vê-la de forma poliédrica. Os fatos podem suscitar reflexões capazes de oferecer informações mais importantes do que o mero relato da sua ocorrência, por mais empírico que seja este relato. Enfim, para mim, o fato não é suficiente. O conhecimento dele se realiza nas interpretações que provoca e só assim ele se torna referência e passa a repercutir sobre a experiência presente. Durante o meu curso de história na Fafich/UFMG (1978/81) as disciplinas teórico-metodológicas e historiográficas foram as que mais me entusiasmaram. E sempre que lia textos propriamente históricos me colocava questões teórico-metodológicas sobre eles. Talvez eu possa me definir como “um filósofo que tem como tema a história”. Todo filósofo escolhe uma área de estudos: política, estética, ética, linguagem, lógica etc. Eu selecionei a história e a historiografia. Toda a minha pós-graduação foi em departamentos de filosofia: o mestrado na UFMG, sob a orientação de Ivan Domingues, com a dissertação “Marx e a História” e o doutorado no Instituto Superior de Filosofia, da Universidade Católica de Louvain (Bélgica), sob a orientação de André Berten, com a tese “O tempo histórico e o lugar epistemológico dos Annales”. Esta tese tornou-se quatro livros de relativo sucesso no Brasil. Os historiadores não gostam muito da companhia da filosofia, mas não me importo. Faço filosofia da história assim mesmo e sem me preocupar em fazer proselitismo. A filosofia da história não é, para mim, uma causa do tipo: “ou a fazemos todos ou a historiografia estará perdida!” Eu a faço porque gosto de fazê-la e recomendo aos meus alunos que escolham a área da história que terão prazer em pesquisar. Cada um oferece à sua comunidade científica a contribuição para a qual tem a vocação e somente nesta medida é que poderá oferecer algo que desperte o interesse da comunidade. A minha vocação é esta: a filosofia da história, a história da história, a historiografia, a teoria-metodologia e imagino estar contribuindo de alguma forma com os colegas menos resistentes e com os alunos próximos e distantes. Para mim, toda obra histórica é filosófica: é um olhar sobre o passado. O historiador olha o passado sem perceber que tem um olhar. O filósofo da história é o “oftalmologista do historiador”: olha para o seu olhar, mede os graus das lentes, os desvios, a quantidade de luz e sombra que suportou e precisou para ver o que relata.

É comum a utilização do termo “crise de paradigmas” para descrever a historiografia contemporânea das últimas décadas. Alguns autores tentam procurar suas raízes dentro do campo social, ou então nas transformações ocorridas no interior da própria disciplina história. Qual seu posicionamento frente a tal questão?

Penso que se pode falar, sim, de uma “história interna” a todo campo de saber e que pode ser bem feita, se o historiador decidir tratá-la dessa forma, isto é, com um mínimo de contexto. Eu mesmo tendo a oferecer cursos de teoria da história dessa forma: Weber, Nietzsche, Hegel, Foucault, sem contextos. Compreender o texto em si é muito importante e um excesso de contexto pode atrapalhar. Contudo, esta história interna de uma disciplina tem apenas uma autonomia relativa. A história da história se articula à história vivida. Desde 1989, a história mundial mudou a sua direção. Antes havia um impasse e o mundo estava dividido entre dois projetos de sociedade, entre dois programas de ação com os seus respectivos valores, meios e fins. Em 1989, conheceu-se o vencedor do combate entre o oeste e o leste, que começara com a Revolução Russa. O Ocidente venceu o projeto comunista oriental. O capitalismo e a democracia liberal ocidentais passaram a dominar de tal forma que a impressão que se tem é mesmo a de “fim da história”. Por enquanto, pelo menos, não há caminho alternativo a seguir, não há a possibilidade de um “programa de esquerda”. A visão neoliberal da história e da sociedade venceu e só há uma única e válida interpretação do passado, do presente e do futuro. Vocês queriam que a historiografia não repercutisse essa mudança histórica? Os paradigmas dos Annales e marxista foram hegemônicos antes de 1989 por causa daquele impasse na história vivida. Agora, a vitória ocidental suprimiu o marxismo e transformou profundamente o paradigma dos Annales. Este foi vitorioso, não foi suprimido, mas reformulado para adaptar-se às novas condições da vitória ocidental. Hoje, predomina a chamada “história cultural” e as abordagens micro do social, que defendem teses assim: “o sistema não existe”, “não há confrontos estruturais”, “o que os homens são é tal como se representam”, “o que o mundo social é depende das representações que os indivíduos e grupos fazem dele”, “os indivíduos se apropriam de linguagens dominantes para se integrarem à ordem” etc. *Vivemos um momento ultraconservador da historiografia*. A direção é: que cada um se adapte, que cada um se integre, que cada um negocie e crie estratégias para vencer, que crie novas identidades, que, se vencedoras, irão revigorar a ordem. Viva o presente e lute para fortalecer-se nele. Os historiadores retornam ao passado para mostrar que alguns indivíduos conseguiram superar a posição adversa em que estavam: negros forros, negras minas sedutoras, mestiços empreendedores etc. Após 1989, os Annales venceram e foram readaptados à vitória neoliberal. O marxismo perdeu e foi suprimido, felizmente, aliás, porque aqueles marxismos já não explicavam mais a realidade neocapitalista. Para mim, agora, para o historiador que ainda quer a mudança e ainda deseja viver em uma sociedade justa, moral e livre, a grande e difícil tarefa é reconstruir o neosocialismo. Teremos em breve um novo paradigma histórico ligado às forças da mudança ou a mudança não existirá nunca mais e estamos realmente condenados a este triste fim neoliberal da história?

Como a Hermenêutica pode contribuir para esse momento? Dilthey parece ser uma referência importante?

O problema que a hermenêutica discute é o problema do sentido e o da possibilidade de sua compreensão. Vivemos um momento ao mesmo tempo muito rico e dramático do ponto de vista hermenêutico: rico, porque o sentido se multiplicou e se pluralizou; dramático, porque a compreensão e a comunicação se restringiram. Os recursos tecnológicos postos à disposição para a comunicação interpessoal e internacional são revolucionários! Hoje, o oxímoro “*presença virtual*” é o que regula as relações humanas e sociais, gerando a fragmentação do sentido, por um lado, e uma

“*experiência virtual*” (outro oxímoro) intensa das alteridades. Há uma intensificação dos *relacionamentos virtuais* (outro) e uma perda do sentido profundo e comum. Penso que a hermenêutica pode contribuir para a restauração da compreensão e da comunicação se conseguir formular com mais precisão e densidade o problema da fragmentação do sentido. Na reconstrução do neosocialismo, a restauração da intersubjetividade comunicativa é essencial. A hermenêutica pode contribuir para a integração do sentido estilhaçado, para a reconciliação entre tempo, história e narrativa. Penso que a hermenêutica diltheyana e ricoeuriana poderão contribuir muito para a restauração da comunicabilidade entre sociedades diferentes que compartilham um planeta cada vez menor. Senão teremos de migrar de planeta e serão somente alguns homens que talvez poderão fazê-lo... Os pensamentos humanistas foram derrotados e o darwinismo social vigente aponta para uma 3ª Guerra realmente mundial, intercontinental, cujos resultados podem ser ainda mais dramáticos. (Marx era realmente humanista? Ele dedicou *O Capital* a Darwin!).

O tema da narrativa dentro da explicação histórica tornou-se um ponto de convergência dentro da teoria da história, principalmente em função das obras de P. Ricoeur e da filosofia analítica da história, não?

A questão é: de qual narrativa se fala? A narrativa retornou com a crise daqueles paradigmas acima, que buscavam uma “verdade científica”, isto é, enunciados realistas, estáveis e compartilháveis. Esta situação de pluralização do sentido e de apropriações e ressignificações do passado pelo presente levou ao nominalismo narrativista. A pretensão de verdade dos paradigmas científicos anteriores a 1989 ruiu face à possibilidade dos autores clássicos e do próprio passado poderem ser apropriados e reinterpretados de forma diferenciada. Hayden White expôs com clareza a tese de que o conhecimento histórico não é uma reprodução do passado, mas um artefato verbal, mais próximo da literatura do que da ciência. Cada evento passado pode ter descrições trágicas, cômicas ou românticas, dependendo do estilo de quem o narra. O sentido dos fatos não está neles mesmos, mas na construção que é feita deles pela linguagem. Acho a argumentação de White excelente, sedutora. Não precisamos concordar com ele, mas temos de levá-lo em consideração. A narrativa em Ricoeur tem um outro sentido. Ele trata a narrativa como hermeneuta, procurando restaurar um sentido essencial perdido. Ricoeur tem uma perspectiva filosófico-religiosa-literário-científica da história e ainda busca a verdade em meio ao cipó de narrativas. Ele tenta amarrar os cipós-narrações em torno de um cipó-verdade essencial. Em Ricoeur, a narrativa histórica é uma configuração complexa de uma experiência vivida complexa. Penso que Ricoeur aponta para o caminho da superação da crise epistemológica e política de hoje. Às vezes, ele me parece ingênuo, romântico, vulnerável: uma freira entre devassos! Vou lê-lo mais em meu pós-doutorado, em 2007, para ver até que ponto podemos seguir em sua companhia. Quanto à filosofia analítica, conheço-a menos. Parece-me que é neopositivista e está apenas preocupada em restaurar a “estrutura lógica” das narrativas históricas. Ela ainda luta por uma “ciência da história” em moldes naturalistas. Preciso conhecer melhor Danto, Dray e os outros. Mas, o problema da “narrativa em história” não é só epistemológico. Por que a narrativa foi tão duramente recusada na primeira metade do século XX e voltou tão cortejada no final do mesmo século? Quais seriam as “razões históricas” disso?

Outra questão importante diz respeito ao tempo histórico, principalmente num momento em que tantos eventos passados são motivo de reinterpretação, não?

Penso que a “temporalidade histórica” é o tema central do historiador. Contudo, o historiador raramente se ocupa deste tema teoricamente, deixando-o a filósofos, sociólogos e antropólogos. É a mudança do tempo histórico que explica as guinadas na historiografia. O

historiador tem uma sensibilidade especial para a mudança histórica. Ele a fotografa, descreve, desenha, mapeia, mas raramente a teoriza. Acho que são poucos os historiadores que têm a vocação para a teoria. Por isso, a interdisciplinaridade com a filosofia e as ciências sociais é importante para eles. Filósofos e sociólogos como Hegel, Nietzsche, Foucault, Bourdieu, Elias, Weber, Ricoeur são extremamente importantes para a historiografia. Eu gostaria de lembrar um belo texto de Febvre: “*Carta contra o espírito de especialização*”, que está no *Combates pela História*. Os historiadores não podem se fechar em seus departamentos, que geralmente estão inseridos em “institutos ou faculdades de filosofia e ciências humanas e sociais”. Ora, dêem uma volta pelos corredores da faculdade e conversem com uns e com outros. A história sem se perder só terá a ganhar.

Num livro amplamente divulgado, P. Burke chama *Annales* de uma revolução na historiografia. Em *História & Teoria*, o senhor aponta para uma nítida diferença entre a primeira geração e as seguintes. Como isso ocorreu?

Em um livro não tão amplamente divulgado como o de Burke, chamei a história dos Annales de “inovação em história”. Depois de 1945, com a Europa derrotada, com os dois novos vitoriosos a leste e oeste, que eram inimigos em uma “quentíssima Guerra Fria”, a historiografia européia tinha de se reconstruir para apoiar a Europa em sua reconstrução. A Escola dos Annales era a historiografia adequada à “reconstrução da Europa”. A linguagem da longa duração quis costurar o grande rasgo que foi a derrota da 2ª Guerra, articulando e integrando este evento em uma narrativa reconhecível e aceitável. Ela foi fundamental para o Ocidente. Alguns insinuem que a Escola dos Annales foi até financiada por fundações americanas, como a Fundação Rockefeller, e que fez parte do Plano Marshall de reconstrução da Europa (risos). É possível. Nesta reconstrução da Europa, sob os signos do “evento-estruturado” e da “interdisciplinaridade”, a Escola dos Annales teve de inovar sempre e não teria contribuído se tivesse se mantido inalterada. As 2ª e 3ª gerações dos Annales se adaptaram ao mundo dos anos 50/60 e, depois, ao mundo dos anos 60/70. Não se pode exigir “fidelidade” estrita delas aos fundadores e nem falar em “traição”, como fez Dosse. O mundo muda, dizia Febvre, a história deve mudar também. Por outro lado, as gerações seguintes foram fiéis aos fundadores: deram continuidade à interdisciplinaridade, com novas alianças, e mantiveram a perspectiva do evento-longa duração. A Escola dos Annales foi tão revolucionária quanto a burguesia depois da Revolução Francesa: inovava para se antecipar à mudança, mudava para permanecer.

E a historiografia brasileira pós-geração de 1930, como se comportou frente à influência da História Nova?

A historiografia brasileira acadêmica é um assunto muito complexo. É um tema que merece um *tratamento interpretativo* e não apenas um mero “quem é quem” ou um insuficiente registro das produções. Parece-me grave o mimetismo, a submissão acrítica aos paradigmas europeus. A historiografia brasileira fala realmente do mundo brasileiro? E por que, então, ela não repercute sobre a sociedade brasileira? Ou há uma “grande repercussão” e sou eu que não estou informado? Sei que há um dilúvio editorial. Mas, esta grande quantidade de água escorre para onde? Há produção competente, mas os grandes clássicos sobre o Brasil ainda são os não acadêmicos. Eu reli e comentei vários deles, com enorme prazer, em meus *Identidades do Brasil 1 e 2*. A historiografia brasileira acadêmica serve a quem, para quê, vem de e vai para onde... eis aí uma grande *questão interpretativa*.

Finley certa vez escreveu que “é preciso mudar o mundo, não o passado”. Isso nos remete ao problema do engajamento do historiador no presente. Principalmente para nós, brasileiros, em virtude do momento político pelo qual passamos. Como o senhor concebe essa questão?

Para mim, não se muda o mundo sem mudar o passado. É preciso mudar a representação do passado para ser capaz de mudar o mundo. O passado não está lá e o “mundo social” aqui, separados. A compreensão do presente exige, para se posicionar em relação à mudança ou continuidade, uma reconstrução e uma avaliação da sua trajetória. O passado faz parte do mundo social. Não se faz mudança no presente sem um (re)discurso sobre o passado. Este é o sentido da prática historiográfica: construir uma linguagem sobre o mundo passado-presente (*espaço-da-experiência*) que encoraje e legitime a ação no presente-futuro (*horizonte-de-espera*). Enfim, não é possível agir no presente sem uma linguagem sobre o que foi e o que deveria ser. Discordo de Finley, neste aspecto. Será que foi isso mesmo que ele quis dizer?